

NARRATIVAS DIVERSAS

nas artes cênicas

Volume II

Organizadores
Andréa Moraes
Jackson Tea
Thiago Pirajira

 **PPGAC**
Programa de Pós-Graduação
em Artes Cênicas

ORGANIZADORES

Andréa Moraes
Jackson Tea
Thiago Pirajira

FOTO DE CAPA

Adeloya Magnoni,
a partir de performance
de Sanara Rocha

PROJETO GRÁFICO

Pomo Estúdio

REVISÃO

Lácio

AUTORES

Ana Clara Oliveira
Ana Maria Rodriguez Costas
Andréa Moraes
Betha Medeiros
Carolina Romano de Andrade
Carolina Teixeira
Débora Souto Allemand
Deise de Brito
Felipe Cremonini
Jackson Tea
Josiane Franken Corrêa
Karen Tolentino de Pires
Kleber Lourenço
Laura Franco
Lindete Souza
Luciano Correa Tavares
Márcia Mignac
Mariana Gonçalves
Mario Lopes
Monica Dantas
Pedro Bertoldi
Pedro Delgado
Priscila da Rosa
Rodrigo Teixeira
Rosemary `Rosa` Cisneros
Sanara Rocha
Thainan Rocha
Thaini Menegazzo
Thiago Pirajira
Viviam Caroline

NARRATIVAS DIVERSAS nas artes cênicas

Volume II

Organizadores

Andréa Moraes

Jackson Tea

Thiago Pirajira

Porto Alegre
2022

Capítulo 8

IMAGINAÇÃO RADICAL E PRODUÇÃO DE FUTUROS

Thiago Pirajira
Mariana Golçalves
Mário Lopes

RESUMO

O capítulo apresentado é composto pela transcrição da mesa intitulada **IMAGINAÇÃO RADICAL E PRODUÇÃO DE FUTUROS**, realizada no II Seminário Discente Narrativas Diversas da Artes Cênicas (PP-GAC-UFRGS). A mesa propôs o encontro com as artistas pesquisadoras **Mariana Gonçalves** (Porto Alegre, Brasil) e **Mário Lopes** (Munique, Alemanha / Helsinque, Finlândia), que estabelecem relações criativas com as noções de imaginação radical e produção de futuros, a partir de suas práticas e pesquisas em artes da cena e demais áreas do conhecimento. A proposição surge em diálogo crítico à colonização e aos modos de criação artística hegemônicos.

É possível que nas rasuras, lacunas, ficções, imaginações utópicas, exercícios críticos à normalidade apontem, desde os processos artísticos, possibilidades de produzir ou recuperar realidades incapturáveis pelas estruturas de poder?

As pesquisas, processos e deslocamentos apresentados na mesa confluem com estas questões, vislumbrando caminhos de experimentação e de reflexão.

Thiago:

Sejam bem-vindos à mesa “Imaginação Radical e Produção de Futuros”. Eu tenho, além do agradecimento, uma alegria de mediar esse encontro, mediar as falas dessas duas pessoas artistas, articuladoras, pesquisadoras, que, para além do afeto, tenho uma admiração profissional muito grande com os trabalhos e um encontro artístico criativo que se dá com essas duas pessoas e que cria então a justificativa, o sentido para essa mesa, que fala sobre a ideia de imaginação radical e de produção de futuro. Tem a ver com as formas, os formatos das estratégias de criação artísticas de artistas negras, negros, negres, que vêm trabalhando, pesquisando e propondo respostas criativas diante da colonização. Criando rotas de fuga, criando possibilidades de existência que estão para além da dimensão da dor, para além da dimensão do que a história colonial narra, conta e tenta manter. Então eu queria já chamar minhas queridas Mariana Gonçalves e Mário Lopes, para estarem comigo. Muito bem-vinda Mari, agradeço demais...

Mariana:

Obrigada, um prazer estar aqui, estou empolgada e emocionada de poder trocar essa ideia com vocês aí.

Thiago:

Mário querido, bem-vindo também, Mário que... já é noite, já está frio aí, você que está falando de Helsinki, na Finlândia, bem-vindo, meu irmão, bem-vindo, querido.

Mário:

Obrigado, obrigado pelo convite, é um prazer estar aqui com você e a Mari, obrigado pelo convite e pela oportunidade, fico muito feliz de poder me conectar com pensamentos, conversas, reflexões desde esse lado do Atlântico, muito tempo longe, muito tempo sem cruzar esse Atlântico, e fica um saudosismo, ainda mais nesse tempo de inverno, que é na Finlândia, -15º, quatro horas de luz do dia, então estar com vocês é me conectar um pouco com esse calor, com essa proximidade, por mais que seja nessas telas, eu me sinto muito próximo. Eu sou um homem negro, me descrevendo aqui, tenho dreads

curtos, estou com um óculos lente quadrada, grande, caramelo, estou com bigode mal feito crescendo, tenho barba cavanhaque, e estou usando um fone preto, uma blusa de malha caramelo também, marrom, uma camisa azul escura, aqui no fundo tem uma janela, e no outro lado tem a tela de um amigo que se chama Aquiles Luciano, aliás, é um artista que eu admiro muito, muito parceiro de trabalho, de vida. É isso. Então, meu nome é Mário Lopes, como o Thiago falou, eu moro entre Munique e Helsinki, minha base é Munique, minha base de trabalho, mas eu vivo entre Munique e Helsinki. Eu tenho 41 anos, sou coreógrafo-articulador, ou invertendo, articulador-coreógrafo, depende do projeto, sou filho de Maria do Carmo e do Gilberto da Silva, sou pai de Madalena Inaiê, tem treze anos, Samuel Iatã, que tem doze anos, companheiro de Isabel, de vida, tenho... Apesar de ter nascido em São Paulo, eu vivi muito no nordeste do Brasil, morei em Salvador, em Maceió, e não consigo definir um lugar de onde eu sou, eu me sinto nessa... além de transnacional, tem um histórico aí de... um pouco de cada lugar que eu passei. Eu comecei... Eu sou um ex-jogador de futebol, sou um ex-personal dance, sou um ex-cartorário, sou um ex-bancário, sou um ex-contínuo, como dizia Nelson Rodrigues, sou um ex-office boy... enfim, passei por um monte de coisa pra estar aqui. Mas quando eu toquei o trabalho artístico, quando eu percebi que era esse o caminho que eu queria trabalhar, eu estava tentando me profissionalizar como jogador de futebol na França, em 2000, e percebi que não era o que eu queria, e conheci uma coreógrafa. Essa coreógrafa, se chama Virgínia Bandeira, ela trabalhava na Academia Parisiense de Dança, e ela abriu as possibilidades pra mim. A partir daí eu liguei pro meu pai, falei “pai, não quero mais jogar futebol, descobri o que eu quero, eu quero trabalhar com Arte, quero estudar, quero investigar, quero explorar, é isso que eu quero fazer”. E aí voltei para o Brasil, larguei o futebol, meu pai ficou desesperado, imagina, e voltei pro Brasil. A partir daí comecei a trabalhar, estudar teatro, em uma escola que se chama Encena, e aí comecei a investigar e trabalhar com essa área. Mas pra eu começar a trabalhar com isso eu tive que começar a me produzir também, bastante, aprender o mecanismo da produção. Então paralelo a isso eu fui me formando como um artista, um ator, um coreógrafo, um diretor, eu ia me especializando como produtor, que eu acho que é um caminho que a maioria dos artistas no Brasil passa, de trabalhar com arte, mas também se articular com

ela. Então durante esse processo eu vim também articulando os trabalhos que eu vinha fazendo, e articulando os trabalhos de companheiras e companheiros que também estavam produzindo. E comecei a me especializar na área de produção. A partir daí foi uma construção, foram muitas coisas construídas, muitas pontes construídas, muitas obras, muitos encontros, e nesse processo eu entendi a necessidade de construir plataformas de encontro, construir plataformas onde a gente pudesse se encontrar, trocar tecnologias de produção, tecnologias de fazer, de práticas, e comecei a investir muito nos espaços de residência artística. Então, desde 2008, eu venho desenvolvendo espaços de residência artística em Munique. A partir de 2007 eu comecei a ficar entre Munique e São Paulo, aproveitei essa ponte pra construir esses espaços, pra possibilitar que artistas pudessem ter espaços de investigação, espaços de residência, espaços de fuga, espaço de não criar, espaço de poder entrar não só na ideia de troca, mas também de encontro. Eu fiquei, fico muito... Eu venho de São Paulo, e tem muito da gíria “Vamos trocar ideia? Vamo”. Só que, ao mesmo tempo, vindo pra Europa e me relacionando com instituições europeias, me relacionando com o modo de pensar europeu, essa ideia da troca me veio muito numa ideia colonial, onde a gente dá algo pra receber algo de volta. Mas não descaracteriza o que a gente pensa como troca no Brasil, que é exatamente isso, a troca que a gente pensa no Brasil são múltiplas vias, né. Mas essa ideia da troca aqui, quando se fala de troca, é nesse lugar: você me dá uma coisa, eu te dou outra coisa. E aí eu consegui desenvolver, construir e fundar uma plataforma, se chama plataforma Plus, desde 2008, e aí a gente começou a trazer artistas do Brasil, a princípio, pra ficarem uma temporada na Alemanha, em Munique, pra aí desdobrar ideias, encontrar outros artistas, artistas de Munique, de outros locais de Munique, e entender uma forma de deslocar pensamentos, deslocar ideias, e ao mesmo tempo, na época, em 2008 eu tava muito naquela ideia de quebrar o estereótipo do Brasil, de quebrar essa ideia estereotipada do Brasil, e trazer um pensamento contemporâneo que estava dialogando ao mesmo nível no movimento contemporâneo aqui em Munique, Berlim, na Alemanha, na Europa como um todo. Em 2015 a gente desenvolveu, a convite de uma residência, que foi pelo Goethe Institut em Santiago do Chile, uma plataforma chamada MovimentoSur, a gente foi convidado pra fazer uma etapa que era uma etapa de intersecção entre coreografia e arquitetura.

tura. E nesse encontro eu conheci as companheiras que até hoje estão dentro da VeiculoSUR, que é a Thais Ushirobira e a Marcela Olate, e a gente desenvolveu a ideia de continuidade dessa residência. Porque esses eventos, na maioria das vezes, eles trabalham com um gatilho de impulsionar, né, “vamos impulsionar e depois a gente solta”. A gente ficou duas semanas e “Tá, vocês investiram, a gente se deslocou, e agora, não tem continuidade? Vocês não apoiam a continuidade?” Então, nesse sentido contrário, a gente começou, “Não, vamos focar em gente que dê continuidade”. Então começou, eram artistas de toda a América do Sul, artistas do México, Chile, Uruguai, Argentina, Brasil, então a gente... eu acabei impulsionando, mais uma vez, dei mais um impulso pra gente continuar se encontrando. E aí a gente pensou em organizar essa ideia de “Ah, vamos ficar um tempo no Brasil, um tempo no México, cada núcleo, cada articulador articula um espaço de encontro, espaços de estar, espaços que a gente possa compartilhar ideias e projetar futuros possíveis.” Começou muito nisso. A gente ficou 2015 viajando México, Chile, Brasil, e em 2016 a gente veio pra Munique, numa residência que eu faço curadoria, que chama Villa Waldberta, que é um castelo, um espaço incrível, de frente pro lago Starnberger See, e a gente ocupou esse castelo, geramos conflitos dentro da normativa dessa cidade, e foi super importante pra gente entender que o deslocamento é necessário e a gente precisava articular uma forma de deslocar esse espaço-tempo. E a gente começou a investir nisso, entramos em um processo de articulação em 2017, e em 2018 a gente lançou a primeira edição da VeiculoSUR. A VeiculoSUR é uma residência itinerante que começa de sul a norte, que tem países como Uruguai, Chile, Brasil, França, Alemanha e Finlândia, onde a gente seleciona um artista de cada país e esse grupo de artistas, que são seis no total, seis articuladores-curadores, em princípio, se encontravam - agora com o processo pandêmico a gente teve que modificar - mas se encontravam no Uruguai e iam viajando juntos. No Uruguai 15 dias, Chile, 15 dias, Montevidéu, Santiago, no Chile, São Paulo, 15 dias, Lyon, 15 dias, Munique, 15 dias e Helsinki 15 dias. Então, com isso, a gente fazia um deslocamento completo de sul a norte. A gente começa a pensar na ideia também, muito influenciado pela ideia da Jota Mombaça, a marcha encarnada, de como que a gente se desloca no espaço-tempo como uma cápsula encarnada, 13 artistas, se deslocando de sul a norte, atravessando contextos, situações,

peças, instituições, atravessando o Atlântico, atravessando fronteiras. Então a gente realmente faz um deslocamento. Quando a Jota fala da marcha encarnada ela fala que quando essa marcha encarnada atravessa centros e margens, ela gera múltiplas margens e múltiplos centros. Então isso ficou muito na nossa ideia, de como vem, de como cápsulas de residência itinerante, enquanto a gente atravessa esse espaço a gente gera esses múltiplos centros e margens, na ideia, no contexto. Então é um projeto que fala disso, que tem como subtema o deslocamento como coreografia, que, pra mim, a veículoSUR não é só um projeto de residência artística, é um projeto também coreográfico, é uma obra coreográfica, porque esse trajeto de sul a norte deixa um rastro, cria uma linha que vai daqui do sul ao norte. E essa linha eu chamo de "linha e rastro coreográfico" [?]. Tem um planejamento, tem uma rota, e a gente está organizando corpos e objetos no espaço tempo. Isso, pra mim, é uma definição de coreografia. Então a veículoSUR é um projeto que eu estou me dedicando, o teatro faz parte dessa edição da veículoSUR, estou muito feliz por isso. Esse ano a gente teve que expandir a ideia da veículoSUR. A gente não estava contemplado em ter uma artista representando o Brasil, por uma questão geográfica, política, e por uma questão de urgência do momento, que a gente precisava abrir mais espaços. A gente fez uma expansão. Então o Brasil, hoje, tem um total de oito artistas representando o Brasil. Então é um artista do Uruguai, um do Chile, oito do Brasil, uma da França, uma da Alemanha e uma da Finlândia. Esse projeto mexe muito comigo, porque a gente, fazendo esse deslocamento, chegando agora na Finlândia, nesse norte, quando a gente atravessa esse centro global, esse centro capital, a gente começa a chegar mais para o norte, a gente começa a se sentir mais próximo do sul. Chegando aqui na Finlândia e o contexto finlandês, eu me deparei com uma noção indígena e uma comunidade indígena, que tem as mesmas pautas e mesmas reivindicações que a gente tem no Brasil e na América do Sul como um todo. A gente tá falando de um processo de demarcação, falando sobre terra, falando sobre colonização de pensar, de idioma, de cultura, de uma destruição, um assalto, um sequestro de uma cultura indígena, de um povo, que é a comunidade sami, que é uma comunidade que tá dentro da Lapônia, ela pega parte da Rússia, parte da Finlândia, parte da Suécia, parte da Noruega e a gente se relaciona de novo. Então, quando a gente chega mais a norte, a

gente se conecta com o nosso extremo sul. E essa lógica da gente levar esse discurso de sul a norte, é um trabalho que vem me abrindo muitas portas, vem quebrando e desmantelando um muro que é construído nesse horizonte. Abre uma imensidão de possibilidades. Dentro da VeículoSUR, a gente vem trazendo muito essa ideia de como construir uma contra-academia né. A ideia de construir uma contra-academia tá muito conectada a mais uma provocação, porque a gente, a maioria das pessoas que estão dentro da VeículoSUR nesse ano, estão conectadas à academia e é mais uma provocação para gente pensar em como criar intersecções, como intersectar tecnologias. Tecnologias, quando eu falo, é legal falar, aqui eu preciso explicar. Com certeza no Brasil eu nunca precisei explicar quando eu falo dessas tecnologias. Eu estava até vendo umas falas aqui que eu tinha que realmente explicar dentro de uma universidade, o que eu queria dizer com tecnologia. Aí eu tinha que entrar na ideia: é uma tecnologia não ocidental. Uma tecnologia conectada aos povos originários, dos dois lados do atlântico. Quando eu falo de tecnologia, eu falo, por exemplo, que eu voltei a falar com as árvores. Era uma tecnologia que a minha vó praticava, ela me ensinou quando eu era criança, mas durante meu processo de ocidentalização, eu bloqueei e considerei aquilo como loucura. Aqui na Finlândia, me reconectando com comunidades indígenas, eu estava aqui na minha casa, andando aqui no pátio, eu escorreguei, me apoiei na árvore, lembrei da minha vó, quando eu era pequeno, tinha sei lá, três ou quatro anos, que ela pegava a minha mão, colocava na árvore, colocava a mão dela sobre a minha mão e falava “filho, não esqueça, você pode falar com as árvores”. Meu! Deu um choque aqui, com quarenta anos. Então é dessas tecnologias que eu estou falando. A VeículoSUR está sendo um espaço que a gente está tendo a possibilidade de acessar essas tecnologias, de viver em comunidade, de tudo que a gente está falando, tudo que tem mestras e maestros e mestres aí, de nações indígenas que estão martelando isso de novo, já vem há muito tempo martelando, está começando a ter mais visibilidade, de que a natureza não é recurso, a natureza é membro, é parte da família, né? Isso é sobre tecnologia. Na VeículoSUR a gente está tendo a possibilidade de fazer isso e agora, o meu momento atual, que tem tudo a ver com esse espaço não acadêmico, eu fui convidado para fazer um mestrado na DAS, eu não sou da área acadêmica, não fiz faculdade, não tenho diploma, e fui convidado pelo trajeto, pelo processo,

pela carreira e eu estava muito na ideia de contra-academia, mas desejevo de poder dialogar com [ela] e achar pontos de intersecção. Então, fui convidado esse ano para uma das universidades mais conceituadas de arte, de coreografia principalmente. Estou animado, ao mesmo tempo já entendendo o contexto em que eu estou entrando, porque eu fui comunicado que eu sou o primeiro negro a fazer esse mestrado de coreografia nessa universidade, não dá pra desassociar o meu corpo político do meu trabalho, da minha reflexão artística. É isso mesmo. Estou nesse processo e meu tema, meu trabalho de investigação dentro desse mestrado é falar sobre um conceito que eu estou trazendo que é afrotranstopia. Então o título do mestrado é Afrotranstopia: salivar os nós do corpo, que é um mestrado, que é onde quero trabalhar esse conceito. Para mim, a afrotranstopia é a intersecção entre tecnologias, existências e afrotranscendência. Afrotranstopia é um espaço de especulação. Afrotranstopia é uma teletransportação. Afrontranstopia não é nem utopia e nem distopia, mas é uma transtopia. Acho que o que me impulsionou a pensar em transtopia, a partir do pensamento afrotranstópico, é uma conexão que a gente pode ir falando depois, mas que eu achei muito louco. Não sei se vocês sabem quando foi conceituada a ideia de utopia. Foi no século XVI, no início do século XVI e aí, junto com todo o processo colonial, início da colonização. Aí as definições de utopia e distopia, estão conectadas a isso. Foi um inglês, um tal de Thomas More, que criou a ideia da utopia e está relacionado a isso. Então, quando se fala de utopia, sempre se pensava que estava conectado a algo do futuro. Mas utopia está conectada a algo do passado. Utopia era o que as nossas nações dos povos originários viviam. Essa é a descrição de utopia. E distopia é o que a gente vive hoje. A transtopia é o que a gente especula para o futuro, é o que a gente vai viver, é o que a gente pode viver, em transformação com os atos do agora. É isso que eu estou pesquisando nessa universidade, é isso que eu estou provocando, numa universidade que está querendo falar sobre decolonialidade, sobre métodos decoloniais, onde tem o primeiro coreógrafo negro fazendo mestrado. Então é isso, eu fico aqui feliz, agradeço o convite e eu acho que resume um pouco a ideia da afrotranstopia, o meu filme mais recente, meu trabalho mais recente que se chama Movimento 3, que é o fim de uma trilogia. Movimento 3 Celebration: espumas pós tsunami, que fala sobre esse espaço transtópico, afrotranstópico. É um filme que foi rodado no

Brasil, na Finlândia, na Alemanha, em Moçambique, é um filme que só pode ser possível através de artistas poderosos, artistas poderosas, que me possibilitaram a realização de um sonho, especular esse lugar afrotransstópico. Tem Érica Malunguinho no filme, tem Maré de Matos, tem Malu Avelar, tem Leo Castilhos, tem muita gente potente e que levou o filme para estrear na Bienal de São Paulo Frestas, que é uma curadoria histórica, do Tiago, a Diane e a Bia, uma curadoria que fica aí para a história e abre novas narrativas aí.



Acesse **Movimento 3 Celebration: espumas pós tsunami** apontando a câmera do celular para o QR code ou acesse o link: <https://vimeo.com/588340879>

Thiago:

Valeu Mário, querido. Eu sou suspeito para falar, eu tive a oportunidade de ver em primeira mão o filme, logo quando foi lançado na Frestas né. Acho que é muito importante falar e destacar esse evento, essa ação que acontece no contexto de Brasil pandêmico, onde as violências ao corpos estruturalmente já violentados se amplia cada vez mais, e a gente consegue ter a realização de um evento com a potência, como por exemplo, a Frestas Bienal de Artes, que está acontecendo ainda em Sorocaba, em São Paulo, no Sesc Sorocaba e que tem uma curadoria, como o Mário falou, que é feita por pessoas jovens, curadoras, curadores, que vêm desenvolvendo um trabalho e realmente de refundação, eu acho, na perspectiva do mercado da arte no Brasil, pensando a arte realmente como um mercado pré-estabelecido e ainda assim, tão conduzido pelas dimensões de colonialidade. Eu mandei um podcast pelo whatsapp para o Mário depois de ter visto o filme, eu acho que tem uma relação com as coisas que tu traz como questionamento, como provocação, como teoria, querendo ou não a gente acaba se relacionando com essas teorias, mas que partem de uma prática né, partem de algo que é factível através e a partir, com e pelo corpo. Então, logo que seja possível de todo mundo ver esse filme, eu acho que é realmente fundamental e importante para a gente pensar questões estéti-

cas, de linguagem, de conceito, de tudo mais que é possível se pensar numa arte que tenha essa ideia de imaginação radical, como ponto de partida. Eu penso que se conecta diretamente com as coisas todas que tu falou aqui, que são super importantes para a gente pensar essa ideia de descapturação. Ainda mais quando a gente está falando de corpos que são corpos perseguidos diante da violência de extermínio, mas que são perseguidos diante da violência de tokenização, que é aquela violência contemporânea, dos espaços de arte, da grande mídia, que tomam os corpos historicamente violentados como mártires das pautas de diversidade. Quando a gente está pensando em descapturação, a gente está pensando justamente nessas estratégias de posicionamento e negociação com isso tudo. Fico pensando muito, muito pela minha própria prática realmente como artista, que acho que estou em um momento de muita reflexão amparada pelos coletivos em que eu também venho me fazendo, sobretudo o Coletivo Grupo Pretagô, no momento em que a gente se coloca no mundo como artistas, como coletivo, pautando identidade, pautando a nossa geração, a juventude negra, e hoje a gente se questiona sobre muitos desses lugares nos quais a gente foi inserido, foi capturado e colocado. Então, quando tem eventos, pautas, coisas sobre juventude negra, negritude, “vamos chamar o Pretagô”, mas em todo o resto a gente não precisa chamar né. Então essas capturas que vão acontecendo com os corpos quando a gente se legitima, se coloca e se afirma. Os problemas da representação, da afirmação. Não que não seja importante, fundamental e necessário. Mas também a gente pensar que a colonialidade, ela é tão perversamente sofisticada, que ela dá conta de reformular suas estratégias para manter a capturação. E Jota Mombaça fala disso. Denise Ferreira da Silva fala disso, muita gente que é inspiração pra coisas que artistas da nova geração estão produzindo, que fala sobre essa continuidade da colonialidade, desses modos de capturação. Não que seja novidade, porque Franz Fanon na metade do século XX estava lá pensando sobre isso, quando dizia que ao fim e ao cabo, ele não queria ser negro, ele queria ser um homem. Ponto final. Essa ideia de raça como uma ficção, também como uma ficção para dominar, para colonizar, para exterminar, para controlar. Acho muito incrível a poética que tu apresenta, porque ela entra em um lugar que é o lugar ali também do incapturável e do intraduzível, do não entendível, mas do não entendível como intenção mesmo. Da gente não se relacionar com

a obra de arte mais a partir de uma lógica que é de entender, de compreender, porque entender e compreender, assim como tu falou a ideia de troca, muito colonial, também é uma ideia colonial, entender e compreender. Tu entende e compreende, então pronto, tu pode jogar aquilo fora porque tu já tem o domínio sobre aquilo. Quando a gente fala de relação, de encontro, como tu fala, a gente entra em um outro campo. É pensar também a obra de arte como um lugar possível de a gente não entender e compreender mais, mas sim da gente criar uma relação que seja possível para a gente ampliar aquilo que é tão caro para a gente, que é a disputa pela nossa subjetividade. Acho que no Movimento III Celebration, isso vem... e é isso, a gente conversando depois lá no áudio, a gente diz, “bom, eu nem sei o que dizer né, Mário, porque se eu for dizer alguma coisa eu vou querer traduzir e não é, não quero traduzir isso”. É uma coisa muito mais da gente viajar junto. Já viajei aqui junto a partir da tua fala, acho que também é um pouco isso assim, a gente ir trocando. Quem tiver questões, gente, pode colocar aí no chat que chega aqui pra gente e a gente, depois da fala da Mari, a gente tenta também conversar a partir dela. Obrigado Mário! Valeu meu irmão querido. Então agora, vou passar a palavra para a minha querida companheira, amiga de muitas e poucas também, parceira também, artista pela qual eu tenho uma grande admiração, que vem desenvolvendo um trabalho incrível também na cidade de Porto Alegre. Mari querida, está contigo a palavra, estamos aqui contigo.

Mariana:

Então, boa tarde, boa noite para o Mário, é um prazer imenso estar aqui compartilhando desse encontro. Ia falar trocando, mas compartilhando desse encontro com vocês, com Thiago que é uma pessoa muito especial pra mim, a gente teve diversas trocas aí, intensas trocas esse ano, nas nossas chamadas de vídeo que duravam horas e, enfim, passamos manhãs e manhãs ali dialogando sobre possibilidades de criação e invenção de futuros. Muito prazer, Mário, muito legal te conhecer, mesmo que assim, desta forma, e principalmente conhecer o teu trabalho. Tu ia falando, sobretudo mais no final da tua fala, tu foi trazendo algumas questões que justamente estão super conectadas com o que eu e Thiago viemos discutindo. A ideia da Afrotranstopia me pegou de um jeito, que eu estou realmente assim... Fui atravessada por isso e depois

daqui eu vou elaborar melhor isso e quero continuar acompanhando o teu mestrado, a tua pesquisa e podendo pensar junto. Parabéns por esse convite. Acho que é isso, esses títulos que a gente vem adquirindo ao longo dos anos dentro de um âmbito institucional, da academia, da universidade, muitas vezes eles nos apresentam algumas armadilhas, em que a gente entende que esses títulos muitas vezes podem estar nos conferindo alguns espaços, que na verdade isso que tu fala, de não ter tido uma formação em graduação e ter sido convidado logo para ser o primeiro estudante negro do mestrado no programa, para o qual tu foi convidado, mostra muito isso, de que o saber não se constitui somente dentro desses espaços institucionalizados. É justamente sobre isso que eu pensei em trazer pra gente conversar e refletir. Eu sou Mari Gonçalves, sou uma mulher negra, de pele clara, tenho os cabelos crespos, médios, uso óculos de cor lilás, estou vestindo uma blusa de alça, que tem um detalhe em preto e amarelo e branco. Ao fundo, em um primeiro plano, a esquerda de vocês e minha direita, tem uma estante azul com livros e algumas plantas. No segundo plano tem um pandeiro pendurado na parede e a minha esquerda, direita de vocês, um espelho laranja, que de vez em quando, à medida que eu vou me mexendo, ele vai aparecendo. Estou usando fones de ouvido e argolas brancas ou beges. Eu sou Mariana, tenho vinte e nove anos, venho da cidade de Bagé, no interior do Rio Grande do Sul. Sou filha de Consuelo e Paulo Sérgio, que são duas grandes referências pra mim, sobretudo no que diz respeito a uma luta incansável, uma luta antirracista incansável, então eu gosto de dizer que sou filha do movimento negro, desde criança frequentando os espaços de articulação política, aqui em Porto Alegre e em Bagé, acompanhando meus pais em quilombos por aí, aqui no Rio Grande do Sul. Em 2011 eu vim para Porto Alegre pra cursar a graduação, em um primeiro momento, ingressando na universidade pelo curso de Administração Pública e Social, no qual eu não dei continuidade e depois eu acabei transferindo minha matrícula para o curso de Ciências Sociais e lá me formei em 2017, 2018, com ênfase em Sociologia, em pesquisas que, enfim, articulavam um pensamento em torno da luta contra o genocídio e o extermínio da juventude negra, não só em Porto Alegre, mas minha pesquisa de TCC foi focada mais em pensar o movimento, a atuação do movimento negro aqui em Porto Alegre, diante das questões vinculadas ao extermínio da juventude negra e etc. Em 2018,

eu fui pressionada, não pressionada, mas instigada por uma amiga, a fazer a seleção do mestrado na Psicologia Social e Institucional, no Programa de Pós-Graduação na UFRGS também. Não conhecia, não dominava o campo, não conhecia ninguém, mas quis me aventurar, entendo que poderia ser um espaço interessante de estar me inserindo e estar podendo contribuir, também ainda dentro da pesquisa sobre juventude negra. Aí eu fiz essa seleção, passei na primeira turma de cotas do mestrado em Psicologia Social e Institucional, no PPGPSI na UFRGS. A nossa turma, era uma turma a qual tinham seis vagas de cotas, destinadas para estudantes negros e nós entramos entre onze estudantes negros. Ou seja, ocupamos bem mais do que as vagas destinadas para o “nosso público”. Durante esses dois anos de mestrado, na verdade três, mas durante esse tempo de mestrado, de 2018 a 2020, 2021, eu defendi no início desse ano, eu acabei virando a minha pesquisa pra não mais discutir os processos de genocídio, de violência e tudo mais, e passei a discutir questões que girassem em torno de não só pensar a produção de morte, enfim, os atravessamentos do projeto que está colocado, um projeto colonial, de exterminação dos corpos. Há tanto tempo esse projeto está vigente na nossa... Nas nossas relações, sobretudo aqui nas Américas, onde a gente viveu e vive até hoje um processo violento de colonização, mas como que a gente resiste a tudo isso, durante todo esse tempo, né, me traz muito mais... Me faz muito melhor, me traz muito mais desejo e vontade de pesquisar dentro da academia os processos de produção de vida, e das políticas que a gente elabora, que nos constitui, que estão vinculadas, estão focadas para pensar a produção de vida - não só pensar, mas fazer, do que pensar as políticas de produção de morte. Sem negá-las, obviamente, porque estão aí, a gente também não pode vendiar os olhos e não mais pensar sobre isso, mas por uma questão justamente de tentar produzir um futuro onde nossos corpos existam, eu resolvi fazer essa virada de chave. E aí o que eu ia destacar, voltando um pouquinho, eu queria destacar a relevância dessa discussão do tema que a gente está tendo hoje, aqui, justamente pra pensar então algumas transformações, alguns processos de transformação do conhecimento. Como que a gente vem produzindo conhecimento dentro das universidades dentro dos programas de pós-graduação, dentro das nossas teses, dissertações, TCCs. Mas não só, dentro também do nosso fazer em sala de aula, dessa própria troca, enfim, disso que

a gente faz e se propõe dentro da academia, que é construir, produzir algo. Queria destacar esse movimento, porque eu acho que a gente ainda se depara com muitas pesquisas que estão fechadinhas, enclausuradas dentro de algumas caixas, engessadas e amarradas por proposições presentes em manuais, sobre o que fazer nas pesquisas. Mas acredito que aqui - e não só aqui, mas enfim - acho que tem aí um elemento importante das políticas afirmativas dentro das universidades, me parece que o principal impacto diz respeito a sair de dentro dessas caixas, ou melhor, colocar esses manuais dentro dessas caixas, e dispensar pra algum outro lugar. Pensar não só o que fazer, mas como fazer, não mais dentro do que esses manuais antigos supunham sobre as pesquisas. Ou seja, aquela velha ideia do eu e do outro, do sujeito e do objeto. Eu acho que a essas questões a gente precisa estar atento, e não só atento, mas o nosso saber fazer precisa estar também articulado, pensar o como fazer desvinculado de uma lógica ocidentalizada, enfim, a qual os manuais nos sugerem. Então eu fiquei pensando numa provocação sobre o tema da mesa, pensando também no que o Mário trouxe, reflexões que eu tenho tido com o Thiago, e eu fiquei me perguntando assim, qual imaginação não é radical? Qual imaginação não é radical, principalmente quando a gente fala de futuro, de nós, dos nossos corpos, quando os nossos corpos provocam um pensar... O que é mais radical do que imaginar um futuro pra gente, diante de um contexto de política de morte? O que pode ser mais radical do que isso? Então, diante disso, eu estou pensando, e é algo que eu levo bastante para as discussões no programa, no PPG da Psico, nas disciplinas que a gente está ali pensando juntos as pesquisas de mestrandos e doutorandos, como que a gente articula essa radicalidade do fazer para com um certo movimento que vem acontecendo dentro do campo do saber. Como fazer esse movimento inverso também, como que a gente articula esse saber orgânico, porque o Mário, por exemplo, ele tem a trajetória dele, que na minha percepção, conforme o que o Mestre Antônio Bispo nos provoca sobre saber orgânico e sintético, como que a gente articula os saberes orgânicos sem apenas transformá-los em saberes sintéticos? E não fazendo um movimento de retorno, ou... não sei se seria um movimento de retorno, mas de reciprocidade, no que diz respeito ao saber sintético servir para o saber orgânico. Não sei se me fiz entender, mas é algo que... como a gente faz para articular esse saber fazer, como a gente faz pra articular

a teoria com a prática, e como a prática incide sobre a teoria também. Então dentro das universidades, dentro dos programas de pós-graduação, principalmente ali no PPG Psi, a gente vem tensionando muito isso, principalmente os estudantes não brancos. Bom, vocês estão falando de subjetividades, vocês estão falando de produção de subjetividades a partir de uma lógica brancocêntrica. Tá, isso aí não é novidade pra ninguém. Agora, se nós estamos aqui, é importante que haja algum fato sobre, que a nossa presença cause algum impacto sobre esse conhecimento. Então, se produção de subjetividade está vinculada a experiências, vivências que a gente vai tomando ao longo da vida, é óbvio que a produção de subjetividade do corpo não branco e de um corpo branco não vai ser a mesma. Principalmente porque, pra nós, essas experiências e vivências estão muito vinculadas a uma relação com o nosso território, né, que é o território do corpo. As violências estão direcionadas diretamente aos nossos corpos. E a partir disso vem outros impactos. No entanto, fico pensando também nessa discussão sobre essas contribuições que a gente tem pra dar e vem dando dentro dos PPGs, não só dos PPGs, mas, enfim, dentro da academia como um todo, pensando nessa articulação entre saber orgânico e saber sintético, o que seriam pesquisas - isso é uma provocação que a gente tem discutido também, eu e o Thiago - o que seriam pesquisas descoloniais? O que se pretende com o descolonial? Qual é o sentido de fato da descolonialidade? O 'des' me causa uma sensação de desfazimento, de algo que se desfaz, de algo que se desconstrói. Mas eu fico pensando também, como que a gente desconstrói, desfaz um sistema colonial que está consolidado desde a invasão das Américas, mas não só, algo que vem anterior, e aí pensando dentro de um movimento afrodiaspórico, esses movimentos transatlânticos, como que a gente desfaz isso, né? O que eu tenho sentido, nessa perspectiva da descolonização do saber, descolonialidade, o que eu tenho sentido é que esse tem sido mais um argumento, um artefato, não sei se é essa a palavra, utilizado pra refazer alguns movimentos, e não desfazer. Quem é que tem dominado as discussões sobre descolonialidade? Nesse sentido, eu gosto mais de pensar numa ideia de enfrentamento, numa ideia de combate, numa ideia de se colocar contra. Porque é isso que a gente faz. Desde sempre. A reconstrução dos nossos territórios africanos, por exemplo, [áudio cortado 1:05:25] mas que se coloca num movimento de resistência, num movimento de ir con-

tra, ainda que tenha que silenciar os nossos valores, a gente transforma o tambor em samba, mas logo depois se torna um samba de terreiro. Ainda que tentem silenciar, enfim, os nossos elementos, nós os trouxemos, nesse movimento afrodiaspórico, para as Américas. E esses movimentos se mantêm, essas expressões se mantêm. Eu gosto de falar de movimento porque... algo que também está muito em voga agora, pensando também essa coisa da interdisciplinaridade, e tudo o mais, algo que está muito em voga agora é pensar então essa ideia de encruzilhada, a ideia do pensamento exusíaco, a ideia de trabalhar com Exu, com esse operador conceitual. Mas o que eu tenho percebido, que tem me incomodado muito, é que há um movimento no contexto do PPGs, das disciplinas, e tudo mais, de dar uma certa estatizada no que diz respeito à presença de Exu nas pesquisas. É algo que eu comentei muito com o Pirajira. Como que a gente vai falar de Exu somente escrevendo? Utilizando apenas uma ferramenta de linguagem, uma linguagem, pra poder produzir uma tese, uma dissertação? Exu é movimento, Exu é multiplicidade, Exu é caos, Exu é possibilidades diversas. Então utilizar somente a escrita dentro dessa discussão sobre encruzilhada, por exemplo, é algo que vem me incomodando bastante, justamente por pensar que a própria escrita também se constitui enquanto dispositivo de poder. A própria escrita das nossas teses e dissertações muitas vezes acabam se restringindo a um espaço, somente, que é o espaço da academia. Então, quando a gente trabalha dentro da produção do conhecimento com outras ferramentas que estão dentro da ordem do campo do sensível - obviamente a escrita, a depender de como se escreve, ela também tem essa potência de acessar e fazer acessar lugares da imaginação que, enfim, ao longo do tempo a gente vem percebendo, trabalhando com essa linguagem. No entanto, até antes também, a gente estava conversando que desse evento sai um ebó. Bom, mas se a gente está falando de imaginação radical e produção de futuro, por que não pensar então fazer o texto dessa mesa além do formato de texto? Um formato que explore outras expressões, outras tecnologias. Eu gosto muito do que a professora Leda Maria Martins provoca a partir de afrografia e a partir da ideia de oralitura, que é instigar a produção, não só a produção, mas a transmissão do conhecimento a partir do que está inscrito no corpo, a partir do que está inscrito em outras linguagens, não só a linguagem escrita, não só a biblioteca, não só o livro. Mas a gente poder trabalhar

com outras formas, outras linguagens. O campo da música, do audiovisual, do cinema, da poesia. Todas essas expressões, linguagens, ferramentas, o que considerem chamar, pra mim é um momento possível pra gente pensar em utilizar e tensionar, justamente pra romper - não sei se romper, talvez seja um pouco radical demais - mas tensionar e borrar ideias de que o saber sintético só se produza através da escrita. Então, me parece que esse movimento de reconhecer esses saberes orgânicos e colocar pra gente não só um pensar, mas um sentir pra que a gente possa então pensar as nossas produções de teses e dissertações, enfim. E, bom, pensar com isso, se estamos vivendo uma distopia, se o caos se instala, vamos aproveitar esse momento de caos todo e causar mais caos ainda dentro da academia e dos espaços onde a gente está, onde estamos colocados, para tentar articular esse caos. Não no sentido de organizar, mas de poder... Esses dias eu escrevi um breve texto para uma disciplina, e eu tenho muito a coisa do sonho, eu sonho muito com as coisas que eu vou escrever. Então, eu sonhei com uma voz mandando eu adentrar o caos. E eu pensava: “Bom, mas... eu já não estou no caos? Que outro caos é esse que se quer que eu entre?” “Vamos lá, tem um lugar pra ti nesse caos, Mariana”. E eu acabei fugindo disso, por entender que esse meu caos já estava instaurado. Depois eu fui refletir sobre a mensagem do sonho: “Bom, eu já estou no caos, tem alguém me chamando para o caos maior ainda...” E esse sonho se deu no contexto de final de semestre, de fazer os protocolos, de entregar o que se tinha que entregar, e eu comecei a fazer a fazer a reflexão, “O que esse sonho quer dizer?” E a interpretação a que eu cheguei foi de que, realmente, estamos no caos, mas o caos sempre pode se intensificar ainda mais, e você não precisa organizar, não precisa ter o controle desse caos. Não precisa só ter o teu caos para controlá-lo, e está tudo bem. Não precisa. O que precisa é dar a mão para esse Exu que está te chamando para esse outro caos e aprender a gingar com ele. Aprenda a gingar com esse caos, dançar com o caos, sem controlá-lo, mas podendo utilizar dessa tecnologia que é a dança, que é o sentir, que é o campo de outra sensibilidade, o campo do próprio sonho em si, também como algo que possa utilizar para dentro do teu caos. E o que tu não quiser, tu bota fora, é estar na encruzilhada mesmo. “Não é pra mim, então vou em outro”. É isso, assim. As provocações que ficaram dessa discussão, dessa mesa, e não só dessa mesa, mas também dos processos que eu venho vivendo

nesse último ano caótico, porém muito bom, no qual pudemos produzir coisas fantásticas, mesmo que em meio ao caos, as provocações foram essas, de aprender a dançar com o caos. A gente precisa aprender a estar dentro desse movimento, não se intimidar com esse movimento, não se intimidar com toda essa multiplicidade, com toda essa pluriversalidade, não se assustar, porque a lógica ocidentalizante nos diz que a gente deve seguir uma linearidade das coisas, que devemos colocar tudo em ordem, que a gente deve controlar as coisas. Então, nesse sentido, e aí encerrando a minha fala e agradecendo, pensando nessas diferentes e várias possibilidades de produzir conhecimento, de aproveitar o movimento desse caos e dessa multiplicidade toda de ferramentas que estão aí disponíveis pra gente, e das possibilidades também que a gente tem de criar não só dentro da academia, mas fora dela, articular o que a gente produz dentro e fora. E como não venho do campo das Artes Cênicas, mas me aventuro em diferentes outros campos, um deles é a música, no qual eu trabalho como DJ, articuladora, dentro desses coletivos que são Coletivo Arruaça e Coletivo Turmalina, esse ano nós fomos convidados por uma marca de cerveja para criar conteúdo para uma plataforma, que foi criada na metade desse ano, e uma das criações do coletivo Turmalina, que é um coletivo de jovens DJs e cantores pretos e pretas daqui de Porto Alegre, dentro dessa produção eu pensei: “Como eu posso contribuir?” Porque eu não estava muito a fim de tocar um som pra uma tela do computador. Mas eu pensei: “Está aí o momento pra gente articular o que a gente está pesquisando dentro da academia, como trabalho, que a gente desenvolve como coletivo”. Então eu encerro a minha apresentação com a apresentação de uma performance sonora, que se chama “Futuro Ancestral”. O texto foi produzido por mim, a voz, a narração também é minha, e o beat foi de um produtor musical muito foda, do Coletivo Turmalina, que se chama Léo Pianki, então, enfim, acho que o conteúdo da performance vai sintetizar um pouco do que eu trouxe hoje aqui pra gente pensar, e também vai dar alguns caminhos pra gente elaborar o nosso futuro, e pensá-lo a partir da afrotransstopia, que é o caminho após essa distopia. Então, é isso. Muito obrigada.

Aponte a câmera para o QR Code para ouvir "Futuro Ancestral" ou acesse pelo link:
<https://bit.ly/3zNMPJB>



Thiago:

Eita! Nossa!

Mário:

Bom demais. Que lindo, Mari.

Thiago:

Nossa, já de manhã, quando mandou o áudio, eu já acordei nesse flow, ficando cada vez mais empolgado. A palavra, esse sentido da palavra à qual nós fomos submetidos e colonizados, que é a palavra como linguagem e língua, ela não consegue traduzir todo o sentido. Ela não dá conta dessa tradução. E eu acho fantástico a provocação que tu trazes dessa ideia de pensar as cosmovisões africanas, sobretudo religiosas, essa palavra colonial, colonizada, dá conta de pensar uma experiência que é advinda da dimensão da encruzilhada, que é Exu. Já coloquei aqui no meu caderninho, porque eu estou falando de Exu na minha tese, então eu já vou... Já coloquei no caderninho, pra pensar. Porque acho que tem muito a ver com as trocas que a gente vem fazendo, nossos processos. E, nossa, Mari, sempre é um aprendizado te ouvir, pela tua articulação, que nos conduz, muito generosamente, levando a gente a refletir sobre questões que eu acho que são fundamentais pra gente nesse evento como um todo. Acho que encerrar com a tua fala, com a tua generosa articulação, também é importante pra gente pensar o evento que a gente está produzindo, o qual a gente se destina e pensa sobre essa ideia, que a gente nomeia o evento como seminário que tem a palavra “diversidade”, né, e é realmente, o que a gente está pensando quando fala em diversidade? O que a gente está pensando e querendo disputar quando a gente está falando em decolonialidade, descolonialidade? Desde as nossas práticas como aprendizes, como estudantes, mas também com as práticas docentes, como professoras, professores, acho que também vem argumentando. Então acho que é muito importante essa tua articulação, que tu também – por mais seja com ideias, assim, muito mentais, mas há uma transposição constante com as práticas, com a própria ideia desse seminário que pensa as práticas artísticas e relaciona também como prática. Mas, afinal de contas, de que prática e de que teoria a gente está falando? Que articulações são essas? Eu fico muito contente, muito grato por essas

falas de vocês, por esses compartilhamentos de tecnologias, pensamentos, sempre tendo de que... Parece que a cada encontro, mesmo que algumas palavras, na nossa intimidade de troca, se repitam, parece que elas refundam o sentido. Eu acho que tem a ver com uma tecnologia que nos pertence, a re-criação, a reinvenção, a atualização, porque já ouvi o Mário falando o que ele falou hoje, mas hoje ele falando fez outro sentido. Já ouvi a Mari falando as coisas que está dizendo, mas hoje tem outro sentido. Então fico muito grato com a generosidade de vocês compartilharem esses saberes orgânicos, esses saberes de encontro, da nossa troca, do nosso sentido de troca, conectando as nossas tecnologias.

Mário:

Sim, o tempo é uma outra questão, a gente está falando de como radicalizar, dentro de formações conformes, como que a gente desassocia isso, como que a gente... Acho que tudo é possível, depende do tempo... Eu estava aqui conversando, só pra fazer uma observação, nem vou entrar muito nas perguntas, mas sobre a questão de trocas, pra não ficar no “a gente deve ou não usar troca?” Acho que a gente deve usar, aliás, ouvindo da Pascale Obolo, que é uma curadora camaronesa, que vive na França, da revista Afrikadaa, a gente estava conversando um dia e a gente chegou à conclusão de que nós, corpas e corpos multidimensionais, temos todo o direito e somos as únicas existências que podem se apropriar, se reapropriar, ressignificar o que a gente quiser. Porque a gente fala português, no nosso caso, porque a gente passou por um processo de colonização, sabe? Isso cria várias capas e nos dá o direito de a gente fazer o que a gente quiser. Então a gente, corpas e corpos multidimensionais, a gente pode fazer o que a gente quiser. A minha questão é aqui na Europa, de trazer essa fricção e poder provocar. Então é troca, e quando a gente fala troca, são múltiplos caminhos, múltiplos vetores.

Mariana:

Eu só queria fazer um comentário muito rápido sobre isso que você estava falando, Mário, que, de fato, a troca só se dá a partir do encontro, e são esses territórios do encontro que a gente está aí com a missão de explorar e criar cada vez mais. Nesse território que a gente construiu aqui, agora, a partir des-

se encontro, ele semeia trocas que vão muito além desse espaço tempo, que obviamente está articulado. Movimentos que foram feitos durante esse ano e estão sendo feitos nesse momento, reverberam para um futuro. A própria ideia de tempo, pra nós, é algo que... Eu vou aproveitar que estou com a palavra, queria pensar aqui a questão da radicalização do futuro. Não há como pensar futuro, na minha percepção, sem pensar ancestralidade. Em todas as nossas práticas. Partindo de onde eu falo, que é deste lugar de doutoranda, todas as minhas pesquisas, de um determinado tempo pra cá, eu virei essa chave, a importância de pensar a ancestralidade. Não só na minha prática do cotidiano, mas na questão de como a ancestralidade pode influenciar e reverberar pra transformação do conhecimento, pra transformação desses processos criativos, que eu constituo não só dentro da universidade, mas dentro de outros espaços que eu ocupo. Essa chave, quando essa chave virou, eu tive um entendimento muito maior sobre... Não um entendimento, porque não acho que é sobre entendimento, mas é sobre o que nos move. O que nos movimenta? E pensar que é isso, ancestralidade é... Muitas vezes, quando a gente fala de ancestralidade, é algo que parece que está lá, lá atrás, no passado, “saberes ancestrais”, algo que vem de longe”. Não, a ancestralidade está presente no aqui e no agora. A ancestralidade se constitui no presente. Ela se expressa no presente. E se ela se expressa no presente, ela deve servir como uma condutora do futuro, do que a gente vai construir para um futuro. Então, sem dúvida, essa tua pergunta, com certeza a gente precisa, pra radicalizar o futuro, a gente vai precisar pensar a ancestralidade. E a ancestralidade de forma atualizada. A ancestralidade como aquilo que nos move no presente para construir esses caminhos para o futuro.

Mário:

Indo por esse mesmo caminho, só para contribuir um pouco para a pergunta também, eu vou por essa via e eu acho que pra radicalização é fundamental a gente conseguir chegar em transformações em outros espaços, assim. Uma radicalização que eu acho que é super importante pra gente começar a pensar – aliás, já tem muita gente pensando, eu até vi uma conversa do Thiago com você, Mari, vocês falando que uma companheira, professora, fala muito sobre a questão do tempo, de passado, presente, que é uma questão que está sempre

em movimento, eu tenho uma perspectiva também de uma experiência com uma maestra de uma nação indígena no México, eu fui pra um programa, e ela me falou: “Mário, no dia que a gente conseguir quebrar a lógica ocidental de tempo, a gente vai conseguir radicalizar”. Que é modificar, quando a gente fala de futuro, a gente está falando de passado. E a gente modificar, dentro do nosso ponto geográfico, quando a gente começar a quebrar a ideia de que o futuro está na frente, aqui está o presente, e o passado está lá atrás, quando a gente inverter essa lógica, contemplando que o passado está aqui na frente, o futuro está aqui atrás, é o que a gente não vê, mas ele vibra, e essa vibração atravessa a nossa existência, a gente faz o presente e consegue construir esse passado, que é como se fosse um tecido”. Então tudo o que a gente faz tem consequência, tudo o que a gente faz... ele encara de frente, então o passado está sempre aqui, construído, então quando a gente quebrar, radicalizar quebrando essa lógica de tempo, a gente vai conseguir alcançar e viver essa afrotranstopia. Tentando resumir o ponto de vista, a gente vai conseguir especular não só futuro, mas passado, especular presença, e pôr em prática, realizar, quebrar lógicas. Acho que a radicalização está não em ser descolonial, mas ser anticolonial. Como diz a Ana Lira, uma companheira, aliás, eu tenho o privilégio, eu vou ser orientado por três pessoas incríveis nesse mes-trado, que é Castiel Vitorino, Diane Lima e Ana Lira. E fora que eu vou ter ainda companheiros, que eu não ando só, Thiago vai fazer um acompanhamento dramaturgico do processo. Então, Ana Lira fala que decolonialidade – que ela também já escutou de outras companheiras maestras – é como se fosse molho pra salada. Então não... Eu vou muito na ideia do anticolonial. Acho que é essa radicalização, a gente tem que quebrar e trazer o caos, o caos é a distopia, a distopia é o conflito de normas, a distopia é a gente, a partir dessa situação caótica. Só é possível transformar a partir desse caos. A partir do conflito normativo. E aí, várias camadas, conflito jurídico, conflito institucional... Essa radicalização. E aí a gente consegue vir com outra estética. Com outras práticas. Com outros resultados. E o extrato disso é contra tsunami. [risos]

Thiago:

Aí vai, né? [risos] Eita! Nossa. Agora que está começando a ficar bom. O que que eu ia falar, até me perdi. Mas eu acho que é, nossa, essa ideia de pensar

a realocação do tempo, ela também consegue não inverter, mas desfazer a dimensão que nos coloca no mundo como a gente está agora. Pensar a ideia de refundação, fundamento, reconstrução, também tem essa dimensão, porque ela parte de uma imaginação. Tem uma pesquisadora de estéticas tradicionais africanas, que é a Nathalia Grilo, ela lançou um texto agora, recentemente, em que fala sobre a ideia de imaginação radical negra, que é uma ideia que o professor Robin Kelly já desenvolve há um tempo, mas que ela atualiza, e tem uma das imagens que ela traz, que eu acho impressionante – impressionante, assim, que a gente se reconhece, impressionante que a gente muitas vezes não consegue traduzir na palavra, então quando encontra um certo conjunto ali de uma frase, de uma expressão, o sentido vem. Quando ela diz assim: a resposta negra sempre é criativa. Não quer dizer que isso comporte uma passividade ou isso comporte uma conformação. Pelo contrário. Se, diante da violência sistemática de morte, uma resposta é criativa, é que existe uma forte oposição a isso. E aí, quando mestre Nego Bispo fala sobre contracolonialidade, que na própria academia é muito criticado, por dizerem que não existe uma sustentação teórica sobre o termo – acho que na verdade, desculpa aí, mas isso é medo de gente branca de não conseguir...

Mariana:

Não conseguir capturar. Não vão capturar.

Thiago:

...Exatamente, de não conseguir capturar. E de não conseguir ficar... como é que a gente fala? Não conseguir ficar na carapuça. Porque a impressão que eu tenho, também sobre essa ideia de decolonial, é que é uma carapuça, como tu bem falou, Mari, de realocação, de continuidade de processos sistêmicos. Como sempre foi feito com a dimensão da teoria, da racionalidade, que é um pressuposto ocidental. Que não tem o corpo da prática, porque o corpo está morto, porque não tem movimento, porque é estático. Quando a gente vai pensar nessas cosmovisões, nesses conceitos, afrotranstopia, ancestralidade, de Exu, são movimentos, pensamento indígena, que realoca o passado na frente, que a gente vê, são pensamentos corpóreos, pensamentos que é corpo. E aí quando a gente fala de pensamento que é estagnado, de

pensamento que é morto, é o pensamento ocidental, que domina, para que não se tenha uma continuidade do movimento. Mas a própria ideia já está estancada, morta. A professora Maria Aparecida Silva Bento, desde a psicologia, ela fala na perspectiva do trauma colonial, mas que parte justamente da fragilidade do medo branco. O medo branco diante da produção de vida, diante daquilo que a religião afro vai dizer que é o axé, que é o princípio vital, e todo o movimento. Esse medo que justifica a colonização, que justifica o extrativismo, que justifica a mediação da diversidade, que justifica a dita “ampliação da diversidade”, operativa nos conceitos a partir de corpos do-centes, é a questão de uma estagnação que tenta se realocar e se remutar em estratégias outras. Então, eu fico pensando muito sobre essa ideia de... pensar esses nomes, essa inventividade, que a gente tem a capacidade, a inteligência - que também é tecnologia - de reatualizar, e, por isso, dizer, como a pesquisadora de estéticas africanas Nathalia Grilo fala, que a resposta negra sempre é criativa. Você não me captura. “Lancei a braba, lancei a nova, lancei a quente”, vai lá a branquitude e [onomatopeia] captura, “xun”, desvio, fujo, descapturo, crio outra. Entende? Parece um pouco pacman, você vai lá e vem a coisa [imita o bonequinho do pacman], então me parece que é um pouco esse movimento de ser um constante manancial criativo, que é o que vem fazendo a gente inclusive refundar e atualizar isso que a gente entende como ancestralidade, disso que a gente entende por algo que nos funda e não está lá no lugar da dimensão artística, sobretudo, hegemônica, na perspectiva do museu, na perspectiva da biblioteca, na perspectiva do repositório, do depósito. Porque a memória é movimento. Quando a gente vê as performatividades pretas que refundam e tensionam, confundem a própria categoria onde as coisas se encaixaram, “Mas isso é teatro, isso é dança, isso é o quê, afinal de contas?” Não é nada disso, ou é tudo isso ao mesmo tempo. A prática desenvolvida não cabe na categorização que o ocidente inventa. Então essa inventividade é o que vocês dois estão aqui agora trazendo, um torrencial de elementos que acho que configura isso que a gente chama também de imaginação radical. É algo que é o azeite, sabe? O azeite [imita algo escorregadio], está untado, sabe? É o dendê, a coisa que não se consegue pegar. Desconfio que é por aí, sabe? Que a gente está pensando, imaginando, confabulando. Me empolguei. [risos] Não sei se vocês querem fazer consi-

derações finais, pra gente ir encaminhando, porque o nosso tempo de fato agora está encerrando.

Mariana:

Eu posso começar. Começar a terminar. Então, mais uma vez, muito obrigada, Thiago, meu amigo, meu parceiro, meu amor, gosto muito de trocar contigo, é bem aquilo que tu falou, assim, sempre tem algo novo, sempre tem alguma coisinha ali, por mais que a gente tenha passado o ano inteiro praticamente, dialogando, trocando sobre essas questões que a gente trouxe aqui hoje, sempre vai ter algo que vai se atualizar. Sempre vai ter algum elemento novo de troca, e eu acho que tivemos vários elementos, mas acho que um deles foi muito especial, que é a troca com o Mário, eu ainda estou mexida com a afrotranstopia e... cara, eu achei fantástico e já virei uma pessoa que vai ficar pensando junto, acompanhando tudo o que tu for produzindo. Acho que a gente também precisa estar de fato bebendo aí desses saberes orgânicos que emergem a partir dessa criatividade, dessa inventividade toda suscitada por artistas como você, como o Mário, como o Thiago, como tantos outros, que me tiram da cadeira, “o que que isso quer dizer, onde é que ele vai chegar com isso?” Então agradeço demais, imensamente, pela presença do pessoal que ficou nessa tarde aí com a gente, pensando junto, me coloco à disposição para outras atividades, outros eventos, outras trocas, acho que esse texto que vai sair aí, acho que a gente precisa pensar, realmente, qual o formato desse texto, sobre essa mesa, que foi tão rica, enfim, e desejar um feliz caos pra todo mundo [risos] que 2020 seja mais caótico ainda, que a gente consiga vencer mais uma vez, que a gente ainda consiga dançar, sentir o grave. Hoje eu vou tocar numa festa, eu estou bem ansiosa, mas é aquela ansiedade boa de sentir, é isso, foi dia de trocas intensas, encontros intensos. Obrigada, obrigada, pessoal do PPG, obrigada Jackson, Jane, pessoal que está nos bastidores, dando um suporte, e é isso aí, muito prazer, Mário, fiquei me sentindo muito, muito bem mesmo. Meu corpo está flutuando ainda em meio a tanta troca aí, essa coisa massa que a gente pôde estar construindo nessa tarde. Valeu.

Thiago:

Obrigado, Mari, querida.

Mário:

Ah, que ótimo! Gente, tem que ter continuidade, eu quero acompanhar também, ter essas ideias com a Mari, que prazer te conhecer, com é bom esses encontros. Eu estava aqui guardado, hibernando aqui, mas Thiago falou: “Bora, venha”, é disso que a gente precisa, desses encontros. Eu sinto falta desses encontros, de encontrar as minhas, os meus, pra gente construir essa estratégia juntos, de radicalizar, de pôr em prática a radicalização. Porque eu estou mesmo cansado da gente... Eu falo isso sempre com o Thiago, é uma repetição, esse discurso circular, mas eu estou cansado de ficar correndo atrás da luz no fim do túnel, que nunca chega. Ou a gente radicaliza ou a gente vai ficar eternamente correndo atrás dessa luz no fim do túnel que nunca chega. O que eu quero fazer agora é explodir o túnel, porque eu preciso de luz agora. Então é isso que a gente tem que fazer juntos, e é importante a gente pensar na continuidade, para construir essas estratégias de radicalizar, porque a gente não consegue radicalizar sozinho, a gente precisa dessa comunidade construída para isso, desenhar essas estratégias, e entrar nesse processo de treinamento, a gente precisa treinar. É mais esse reapropriar. O treinamento vem de uma base militar, de uma base de guerrilha, mas a gente está em guerra, e a gente se reapropria dessa palavra e reutiliza, ressignifica, e a gente tem que colocar em ação. Então, eu fico muito feliz de poder intersectar essas ideias, porque isso é o começo desse espaço de treinamento, porque a gente tem muito o que fazer. Quando eu falo desse tsunami eu falo desse sistema do que PACACOBÍ, porque a gente tem que dar nome às coisas, agora, ainda mais entrando no mestrado, então tem que dar nome, eu chamo esse grande vírus, que eu venho falando já há um tempo, antes da pandemia, que é sindêmico, que é o PACACOBÍ: Patriarcado, Capitalismo, Colonialismo, dentro de uma estrutura Binária. Esse vírus é que ativa esse tsunami, que pra mim é uma grande metáfora do que a gente vive, um tsunami gigante, que vem, que devasta, que vai destruindo. E eu descobri que a única forma de você desativar, desarticular um tsunami é através de uma ressonância magnética sonora, acústica. Só que não tem como construir uma máquina pra isso, tem a teoria, mas não dá pra colocar em prática porque não tem recurso tecnológico ocidental pra construir essa máquina. E pra mim esse contra-tsunami, essa ressonância de onda magnética só é possível através dessa construção de comunidade. É a

nossa voz, a gente em comunidade consegue fazer essa ressonância acústica magnética pra dissolver esse tsunami. Então é isso, obrigado pela oportunidade, Thiago. Obrigado por me apresentar a Mari, pra gente poder construir essa sonoridade juntos.

Thiago:

Querido Mário, termina lançando outra, já [risos] fazer outra mesa. Mário, Mari, mais uma vez agradeço a generosidade, agradeço, como sempre, a generosidade de compartilhar saberes e de abrir o corpo pra gente construir essa comunidade que está desfazendo os mapas ocidentais, e deslocando, pelo globo, realocando nossos corpos, nossas corpas, nesses espaços, nessa disputa de poder. Então mais uma vez agradeço.

SOBRE OS AUTORES

Thiago Pirajira é ator, encenador, professor, curador e articulador cultural.

Bacharel em Teatro, mestre em Educação e doutorando em Artes Cênicas (UFRGS). Professor substituto no Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS. Artista co-fundador do grupo Pretagô e do coletivo teatral carnavalesco Bloco da Laje. Ator e produtor no grupo Usina do Trabalho do Ator. Idealizador e curador da CURA - Mostra de Artes Cênicas Negras de Porto Alegre

Mariana Gonçalves é socióloga, mestra e doutoranda em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dedicase à pesquisa sobre a formação de Territórios Negros na contemporaneidade, discutindo os processos de re-existência presentes nas intervenções artísticas e culturais protagonizadas por corpos negros no centro de Porto Alegre. DJ e produtora cultural nos Coletivos Turmalina e Arruaça, núcleos da cena de música eletrônica underground de Porto Alegre.

Mário Lopes é coreógrafo e articulador/ gestor cultural. Mestrando em Artes Performativas pela DAS Theatre / Amsterdam University of the Arts. Coreógrafo integrante do coletivo DMV22. Diretor geral e co-curador da Plattform PLUS / Munique. Sócio executivo da HumaVida Produções / São Paulo. Articulador e curador da VeiculoSUR.

**Para acessar o conteúdo deste capítulo,
aponte a câmera para QR Code ou clique
no link: <https://youtu.be/GuoqWRNFv7o>**

